



O PRAGMATICISMO NA COMUNICAÇÃO DOS PRODUTOS TELEJORNALÍSTICOS¹

Romilson Marco dos SANTOS²

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - SP

RESUMO

Este trabalho, faz parte do primeiro capítulo da dissertação de mestrado, apresentado no Programa em Comunicação e Semiótica na PUC-SP (2008). Objetivando mostrar a relação que se estabelece entre o jornalista (e o estudante de jornalismo) e os produtos telejornalísticos (telejornal e documentário). Ao mesmo tempo, que estes produtos telejornalísticos são produzidos em função da manutenção do hábito, de quem os produziu, evitando colocar em dúvida as crenças deste. Este trabalho mostrará também, que os produtos telejornalísticos não mostram a realidade, mas sim, uma representação da mesma, em função da manutenção do hábito do jornalista ou da empresa que trabalha. Buscamos também mostrar que a percepção que o jornalista considera ter é muito ingênua e preconceituosa. Necessitando assim, uma nova abordagem do ensino de telejornalismo nas universidades

PALAVRAS-CHAVE: Crença, Hábito, Telejornalismo, Pragmaticismo, Comunicação e Dúvida

Neste trabalho vamos discutir o pragmaticismo na comunicação dos produtos telejornalísticos, entendendo nesta pesquisa, como produtos telejornalísticos, o documentário e o telejornal; para isso, discutiremos o que está envolvido quando se aborda o pragmaticismo de Charles Sanders Peirce . Segundo Fisch

Peirce define ‘pragmatismo’ em dois artigos publicados em 1877 e 1878, “A fixação das crenças”(The fixation of belief) e “Como tornar nossas idéias claras”(How to Make Our Ideas Clear) onde declara: Assim, chegamos àquilo que é tangível e prático, como a raiz de toda a real distinção do pensamento, independentemente de quão sutil ele possa ser, e não há distinção de significado tão sutil que consista em algo senão numa possível diferença de

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Primeiro capítulo da dissertação TV Globo e o documentário Muito além do Cidadão Kane.

² Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP defendido em 2008, email: romilsonmarco@hotmail.com
Orientador: Prof. Dr. Oscar A. Cesaroto.



práticas. Considere que efeitos práticos o objeto de nossa concepção tem. Então, nossa concepção destes efeitos é o todo de nosso conceito do objeto³.

Peirce, no entanto, irá criar o termo *pragmaticismo* por considerar mais adequado a seus propósitos como nos diz Frankenthal:

Peirce foi um filósofo preocupado com a terminologia, da qual depende uma comunicação efetiva. O nome de uma doutrina terminaria em *ismo*, enquanto o sufixo *icismo* designaria uma aceção mais estritamente definida do que o anterior. Com dois propósitos em vista, o de se resguardar dos abusos de expressão que ocorrem nas revistas literárias e o de distinguir a própria teoria da de outros pragmatistas, ele criou o termo *pragmaticismo* (CP 5.413 e 414)⁴.

Para entendermos este *pragmaticismo* ao qual Peirce cunhou será apresentado primeiro a *fenomenologia*, visto que, esta ciência irá tratar a questão do fenômeno, ou seja, tudo aquilo que se apresenta a nós. Segundo Peirce entende-se por fenômeno ou *faneron* “o total coletivo de tudo aquilo que está de qualquer modo presente na mente, sem qualquer consideração se isto corresponde a qualquer coisa real ou não” (PEIRCE CP, 1.284 apud Ibri, 1992, p.4). Através do qual surgiu dentro da filosofia de Peirce a “*Faneroscopia*, ou *Fenomenologia*, uma ciência que se propõe efetuar um inventário das características do *faneron* ou fenômeno, dividindo-as em três grandes classes ou categorias” (IBRI, 1992, p.4).

A *fenomenologia* envolve algumas características que o indivíduo necessita apresentar para se fazer um pensamento fenomenológico, que são elas: “abrir os olhos mentais, olhar bem para o fenômeno e dizer quais as características que nele nunca estão ausentes. O fenômeno é algo que a experiência externa força sobre nossa atenção” (Peirce, CP5. 41 apud Ibri, 1992, p.5).

Esta ciência requer que o indivíduo primeiramente, tenha “um olhar despido de qualquer aparato teórico. Olhar as coisas sem os conceitos que elas possuem⁵”. Ou seja, olhar sem nenhum pré-conceito. Em um segundo momento tem-se que discriminar o fenômeno verificando o que é sempre constante. Observar aquilo que nos fez prestar atenção àquele fenômeno. Finalmente, é a possibilidade de generalizar, a partir do fenômeno. Peirce irá dizer o seguinte a respeito disso:

[...]que fique entendido, então, que o que temos de fazer, enquanto estudantes de *Fenomenologia*, é simplesmente abrir nossos olhos mentais e olhar bem para o fenômenos e dizer o que são as características que nunca lhes faltam, quer este fenômeno seja algo que a experiência externa força sobre nossa atenção, quer seja o mais desenfreado dos sonhos, quer seja das mais abstratas e gerais das conclusões da Ciência. (CP 5. 41 apud BERNARDO, 1993, p.246).

Munidos destas faculdades podemos afirmar que o trabalho da *Fenomenologia* é:

³ Russell B. Goodman *Duas Genealogias da Ação no Pragmatismo* (trad. Luis Louceiro). Paper apresentado no 9º Encontro Internacional sobre Pragmatismo, PUC-SP, 2006.

⁴ Edith S. Frankenthal. *O Pragmatismo na Abdução e na Percepção*. Publicado na revista *Cognitio/Estudos: Revista Eletrônica de Filosofia*. PUC-SP, n°1 – 2004. http://www.pucsp.br/pos/filosofia/Pragmatismo/cognitio_estudos/cog_estudos_1/com_6enc_edith.doc

⁵ Notas de aula (disciplina *Semiótica Peirceana*, no curso de Pós-graduados em Comunicação e Semiótica PUC-SP, primeiro semestre de 2007)



traçar um catálogo de categorias, provar sua eficácia, afastar uma possível redundância, compor as características de cada uma e mostrar as relações entre elas. [...]As categorias universais, de seu lado, pertencem a todos os fenômenos, talvez sendo uma mais proeminente do que a outra num aspecto do fenômeno, mas todas pertencendo a qualquer fenômeno. (CP5. 43 apud BERNARDO, 1993, p.247).

Veremos que o fenômeno está relacionado com o percepto, por consequência, com os estudos da percepção desenvolvida por Peirce. No entanto, o que é o percepto? Peirce apud Santaella afirma

Sem hesitação, que aquilo que nós percebemos é o percepto. O que está lá fora de nós, e que nos chega que é apreendido num ato de percepção, chama-se percepto. Mas qual é o estatuto ôntico do percepto? Apoiado numa filosofia realista, elaborada ao longo de muitos anos, filosofia que nos fornece justificativas para nossa crença na existência de um mundo real que independe daquilo que eu ou você, na nossa individualidade, podemos pensar ou fantasiar acerca dele, Peirce afirmara que o percepto é aquilo que é apreendido pela consciência no ato perceptivo. (1998, p.54)

Diante disso, é importante entender como o indivíduo produz um produto telejornalístico e, quais seriam as premissas que fariam com que o indivíduo, produzisse da forma que está produzindo?

Já que no caso específico desta pesquisa, os produtos telejornalísticos como o telejornal e o documentário, seriam em tese os perceptos do indivíduo que os produziu percebeu. Ou seja, como o indivíduo que irá produzir um produto telejornalísticos apreende o conteúdo dos perceptos, neste caso os perceptos são os fatos da realidade, para traduzi-los em um produto telejornalístico?

Em função disso, pergunta-se como o percepto é apreendido pelo indivíduo?

Segundo Peirce

A questão é saber o que o fenômeno é. Não temos a vã pretensão de ir além dos fenômenos. Perguntemos apenas - qual é o conteúdo do percepto? Todos são competentes para responderem por si próprios. Examinemos o percepto no caso particularmente destacado em que chega como surpresa. Sua mente foi preenchida por um objeto imaginário que era aguardado. No momento em que é aguardado, acentua-se a vivacidade da representação, mas, subitamente, em seu lugar surge algo bastante diferente. Pergunto se, no instante da surpresa, não existe uma dupla consciência - de um lado, o Ego, que é simplesmente a idéia esperada e subitamente aniquilada; e, de outro lado, o Não-ego, o intruso na sua abrupta entrada. (CP. 5. 53 apud BERNARDO, p.250,251). Toda a questão reside em saber o que são os fatos perceptivos. Como dados por julgamentos perceptivos diretos. Por juízos perceptivos entendo aquele que afirma o que é um caráter de um percepto, diretamente presente à mente, em uma forma proposicional. É evidente que o percepto não é um julgamento; nem pode um julgamento, em qualquer medida, parecer com um percepto (CP5. 54 apud BERNARDO, 1993, p.251).

Diante disso, faz necessária uma complementação dessas relações acima com o que Peirce entendia como percepção. Segundo Santaella

Todas as teorias da percepção que conhecemos são dicotômicas e dualistas. Quando se fala em percepção adota-se sempre a dualidade aparentemente constitutiva entre um sujeito que percebe e aquilo que é percebido. Perceber, assim, seria estar diante de algo, no ato de estar enquanto acontece. [...] a semiótica de Charles Sanders Peirce conseguiu superar essa poderosa visão



dualista, produzindo a única teoria triádica (dialética) da percepção de que se tem notícia.⁶

Ao pensar que o indivíduo produzindo os produtos telejornalísticos, ele partiu da observação dos perceptos , então:

Só alcançamos controle sobre a percepção no momento em que o percepto é interpretado. Apenas então é que se podem fazer experimentos perceptivos, só então à percepção pode ser testada, criticada, modificada etc. (SANTAELLA, 1998, p.16).

Complementando, Peirce nos apresenta mais dois estágios da percepção, que são o percipuum e o julgamento de percepção. Analisando o primeiro veremos que

O percepto, em si, seria aquilo que, até certo ponto, independe de nossa mente. Corresponde ao elemento não-racional, que se apresenta à apreensão de nossos sentidos. O percipuum já seria o percepto tal como ele se apresenta no julgamento de percepção. Seria o percepto, portanto, na sutil, mas marcante, mudança de natureza por que passa, ao ser incorporado à nossa mente, ao nosso processo perceptivo. (SANTAELLA, 1998, p.59)

Pode-se dizer que o percipuum é a tradução do percepto pela mente. Mediante essa tradução o indivíduo elabora um julgamento de percepção, que

ai está um dos insight mais originais de Peirce. Ele comparou o julgamento de percepção com as inferências abduativas[...]Trata-se de um quase-raciocínio, instintivo, uma espécie de adivinhação, altamente falível, mas o único tipo de operação mental responsável por todos os nossos insights e descobertas. Nossa vida, em qualquer instante, por mais corriqueiro que seja, está cheia de exemplos de situações em que nossa percepção falha. Julgamos ter visto uma coisa, mas, logo depois, nos damos conta de que erramos. Não era o que pensávamos ter visto. (SANTAELLA, 1998, p.65, 66,67)

Não obstante, o indivíduo observa o percepto, o traduz no percipuum elaborando um julgamento de percepção. Contudo, em função de que se elaboram os julgamentos de percepção? Essa discussão é importante, já que, segundo Santaella “o julgamento de percepção embora falível, é indubitável. Nossa vida ficaria insana, esquizofrênica, não conseguiríamos sequer sobreviver se estivéssemos a todo instante colocando nossos julgamentos de percepção em dúvida” (1998, p.67).

Além disso, “nada podemos dizer sobre aquilo que aparece, senão pela mediação de um julgamento perceptivo, isto é, uma interpretação” (SANTAELLA, 1998, p.97).

Todavia, a partir de que referências fazem-se os julgamentos perceptivos? Pela lógica que se está desenvolvendo, os julgamentos perceptivos é derivado de percipuum, este não é neutro.

Pois ele já é a tradução do percepto de acordo com o modo como estamos aptos a traduzir o que vem do mundo exterior. O percipuum está localizado abaixo do nível de nossa deliberação e autocontrole. Ele flui e aflui continuamente dentro de nós, visto que, o percepto não é quase nunca algo isolado, mas um composto contínuo. Tão logo o percipuum aflui, ele é imediatamente colhido e absorvido nas malhas dos esquemas interpretativos com que somos dotados: os julgamentos de percepção. Daí, Peirce ter dito que só percebemos o que estamos equipados para interpretar. Ou seja, só ouvimos o que podemos ouvir, só entendemos o que podemos compreender. (SANTAELLA, 1998, p99).

Peirce vai nos dizer ainda que

⁶ Texto da contracapa do livro Percepção de Lúcia Santaella, 1998.



Quando se abre a possibilidade de controlar o processo de cognição? Certamente não antes que o percepto tenha sido formado. Mesmo depois, parece-me que existe uma operação que é quase incontável: julgar o que é que a pessoa percebe. Juízo é o ato de formar uma proposição mental combinada com sua adoção ou assentimento. Um percepto, por outro lado, é uma imagem, filme, ou outra apresentação. (CP5. 115 apud BERNARDO, 1993, p.270). O juízo perceptivo, ou seja, o primeiro julgamento que a pessoa faz em relação àquilo que está perante seus sentidos não tem relação direta com o percepto; (BERNARDO, 1993, p.270).

Diante desta citação, podemos inferir em relação ao indivíduo que produz os produtos telejornalísticos que: para este indivíduo os perceptos seriam os fatos da realidade. Sendo assim, segundo Peirce (o percepto).

Compele o receptor a reconhecê-lo. Ele (o percepto) não oferece qualquer razão para esse reconhecimento, nem tem qualquer pretensão de razoabilidade[...] Ao contrário, o percepto é completamente mudo. Ele age sobre nós, força-se sobre nós, mas não apresenta razões, nem apela a nada como suporte (apud SANTAELLA, 1998, p.56).

Ou seja, os programas produzidos pelo indivíduo, a priori, não tem o poder de influenciar, em função de que o percepto neste estágio, somente apresenta-se aos outros indivíduos que os assistem. "O que percebemos, num ato de percepção, é algo que aparece de certo modo. Algo insistente, impositivo, mudo, que não somos nós, ou melhor, não é nossa mente que cria" (SANTAELLA, 1998, p.57).

Observar os fenômenos que nos são apresentados requer olhá-los a partir de três categorias, em função das seguintes características – ver, atentar para e generalizar. As categorias são Primeiridade, Segundidade⁷ e Terceiridade.

Parece, então, que as verdadeiras categorias da consciência são: primeira, sentimento, a consciência que pode ser incluída com um instante de tempo, consciência passiva de qualidade, sem reconhecimento ou análise; segundo, consciência de interrupção no campo da consciência, sentido de resistência, de um fato externo, de alguma outra coisa; terceira consciência sintética, ligação com o tempo, sentido de aprendizagem, pensamento (Peirce CP. 1.377 apud Ibrí, 1992, p.13, 14).

Entendendo melhor assim, como essas categorias nos ajudam a compreender os fenômenos do mundo que nos são apresentados. A categoria da Primeiridade, segundo Ibrí "a própria palavra primeiro sugere que sob esta categoria não há o outro, ou seja, a experiência que a tipifica, não traz consigo a alteridade" (1992, p.9). "A idéia de Primeiro é predominante na idéia de novidade, vida, liberdade. Livre é aquilo que não tem outro atrás de si determinando suas ações⁸".

Em outras palavras é observar o fenômeno sem julgar, apenas constatar o que esta diante dos nossos olhos.

Na categoria de segundidade temos a alteridade, mostrando que "as coisas não são o que queremos que sejam nem, tampouco, são estatuída pelas nossas concepções" (Ibrí, 1992, p.7). Esta categoria nos mostra que não somos nós que determinamos como as coisas devem ser, mas que os fenômenos têm suas próprias formas de ser.

⁷ Seguimos a grafia adotada por Ibrí, 1992

⁸ CP.1302 apud Ibrí, 1992, p.7



A categoria de terceiridade é também chamada de mediação. “A experiência de mediar entre duas coisas traduz-se numa experiência de síntese, numa consciência sintetizadora” (Ibri, 1992, p.13).

A terceiridade para cumprir sua função de generalizar a partir do fenômeno, ela faz a mediação entre um passado e um possível futuro, através do qual, podemos generalizar. Sendo generalizar a qualidade do que é geral-“aquilo que naturalmente é apto a ser predicado de muitos” (CP. 5.151 apud Ibri, 1992, p.15).

Ibri sintetiza a terceiridade como elemento de mediação

Como elemento de mediação, o pensamento não poderá ser desvinculado do passado e destituído de intencionalidade para um futuro. No passado da factualidade vivida e que, mediados, tornam-se para generalização a tessitura do ego, que é como vimos da natureza do pensamento, da terceiridade. De outro lado, a cognição deve ter vínculo com o futuro como moldadora da conduta, da ação reduzindo a brutalidade do fato à inteligibilidade (Ibri, 1992, p.15).

Determinando assim que, para vivermos necessitamos adquirir terceiridade, mediação de um passado que já vivemos com ações futuras que deveremos tomar. Ibri irá dizer que

a condição de possibilidade de qualquer cognição é uma generalidade real que a fundamente. O fato de que sabemos algo significa que razoavelmente podemos prever o curso da experiência futura. Um mundo que não permite que o intelecto generalize é um mundo caótico, constituído por indivíduos por si e para si. A ausência de relações gerais e reais que têm permanência no tempo configura um mundo de existentes particulares de conduta imprevisível. (Ibri, 1992, p.34,35)

É claro, que se fosse somente assim, poderíamos prever o futuro, porém Peirce elabora o conceito de Indeterminismo Ontológico. Nas palavras de Ibri o universo é uma mistura de lei e acaso⁹.

Mas para a “possibilidade da mediação requer a generalidade real” (Ibri, 1992, p.56). Esta mediação pauta-se na lei, na qual se pode generalizar, evitando o caos.

Sendo o indeterminismo ontológico um dos fatores que determinam a busca de terceiridade por parte do indivíduo, ou seja, o indivíduo busca uma estabilidade uma regra de ação ou conduta mais ou menos determinada e segura, evitando assim, o caos. Está busca pela qual, se pode generalizar, determina a busca de propósitos que residam em conceber conseqüências práticas, que é a implicação do pragmatismo de Charles Sanders Peirce.

O indivíduo busca a mediação da terceiridade, já que toda lei é um hábito. Todo hábito se configura, em virtude de uma crença.

Vamos entender melhor o que é o pragmatismo para Peirce. Em termos gerais na filosofia de Peirce, pragmatismo é o método para determinação de significados. Através do qual podemos retirar do seu célebre artigo “How to make our ideas clear”(Popular Science Monthly, janeiro de 1878) a máxima pragmática. "Considerem-se quais - efeitos que possam concebivelmente ter conseqüências práticas – imaginamos possua o objeto de nossa concepção”(Peirce, 1884, p.17).

⁹ Notas de aula (disciplina Semiótica Peirceana, no curso de Pós-graduados em Comunicação e Semiótica PUC-SP, primeiro semestre de 2007)



Considerando esse objeto, para nos, o percepto (produtos telejornalísticos), ou seja, que efeitos práticos, ou melhor, efeitos de afetar a conduta, podem ocorrer na relação do indivíduo observando o percepto.

Em linhas gerais, pragmaticismo pode ser também uma tentativa de esclarecimento de idéias. Pensando idéias como algo que faça diferença na prática, a partir do momento que afeta a conduta, proporcionando hábitos de ação.

Peirce irá nos dizer que

O que nos determina a dadas certas premissas, retirar uma inferência mais certa do que outra, como um hábito, será ou não adequado conforme produza ou não conclusões verdadeiras a partir de premissas verdadeiras ou não; e uma inferência é considerada válida ou não sem que se faça especialmente referência à verdade ou falsidade de suas conclusões, mas de acordo com o hábito que determine que ela produza, em geral, conclusões verdadeiras ou não. O hábito especial da mente que governa esta ou aquela inferência pode ser formulado numa proposição cuja verdade depende da validade das inferências que o hábito determina; e uma tal fórmula é chamada de princípio condutor da inferência. (CP5.367 apud BERNARDO, 1993p.359)

Peirce cita uma passagem que ilustra bem esta situação acima

Terrível é ver como uma única idéia obscura, uma única fórmula sem significado furtivamente instalada no espírito de um jovem pode, por vezes, agir como obstáculo de matéria inerte numa artéria, impedindo a nutrição do cérebro, e condenando sua vítima a consumir-se no total domínio de seu vigor intelectual e meio a intelectual plenitude. (Peirce, 1984, p. 53).

O indivíduo reluta a mudar suas crenças, já que isso irá determinar que este indivíduo mude suas regras de ação e conduta. Pensamos então o indivíduo produzindo os produtos telejornalísticos, se tudo que estes exibissem influenciasse o indivíduo, verificaríamos estes mesmo indivíduos mudando suas ações a cada edição do telejornal, transformando sua vida em um caos.

Em função disso, tudo que os produtos telejornalísticos exibem são filtrados antes pelas crenças do indivíduo no interpretante que os produziu, fazendo com que tudo que gere dúvida, seja descartado ou colocado em segundo plano, em virtude, da dúvida que possa gerar nas suas crenças e nas crenças dos indivíduos que irão assistir. Isso corresponde ao um julgamento de percepção.

Em CP 5. 370 passa a tratar da formulação de juízos. E em CP 5. 371, sobre o que distingue a dúvida da crença: [...]Nossas crenças orientam nossos desejos e dão contorno a nossas ações[...]. O sentimento de crença é indicação mais ou menos segura de se ter estabelecido em nossa natureza uma tendência que determinará nossas ações. A dúvida nunca se acompanha de tal efeito. A dúvida é um estado desagradável e incômodo, diz em CP 5.372. A crença não nos leva a agir de imediato, mas coloca-nos em uma tal situação que, chegada a ocasião, nos comportaremos de certo modo. A dúvida não tem, absolutamente, esse efeito ativo, mas estimula-nos a indagar até ve-la destruída[...]CP.5.373.(apud BERNARDO,1993,p.360,361)

Esta passagem é ilustrativa, já que é pontual em função do que Peirce denominou de crença e dúvida. Quanto mais clara a idéia da crença, menor a probabilidade de dúvida. Sem a dúvida mantemos a conduta estabelecida, Ou seja, o estímulo da dúvida é, única e exclusivamente, em função de uma investigação a respeito de algo que gostaríamos de saber e, que por consequência nos gera dúvida.



Contudo, se as crenças estabelecidas já são um acordo de opiniões, na maioria dos casos, faz-se desnecessário a dúvida. Um exemplo claro, são as crenças proferidas pela comunidade científica ou médica, raramente colocamos em dúvida os tratamentos estipulados. Isso ocorre já que

O estímulo da dúvida leva a um esforço por atingir um estado de crença. A este esforço damos o nome de Investigação[...] CP5. 374. A irritação da dúvida é o único motivo imediato do esforço por chegar à crença. É certamente melhor para nós que nossas crenças devam ser tais que possam guiar nossas ações verdadeiramente, de modo a satisfazer nossos desejos; e essa reflexão nos levará a rejeitar toda crença que não pareça ter-se estruturado de forma a assegurar esse resultado. Isso só ocorrerá, entretanto, se uma dúvida substituir aquela crença. Com a dúvida, portanto, o esforço começa, e com a cessação da dúvida, tem um fim. Assim, a investigação tem por objetivo único o acordo de opiniões! [...] Mas a mera colocação de uma proposição numa forma interrogativa não estimula a mente a qualquer esforço pela crença. Deve haver uma dúvida viva e real, sem o que toda discussão é vazia CP. 5.376 (apud BERNARDO, 1993, p.362)

Mas o que Peirce entende por crença, segundo ele é algo de que estamos cientes, aplaca a irritação da dúvida e envolve o surgimento, em nossa natureza, de uma regra de ação, ou surgimento de hábito.

A essência da crença é a criação de um hábito e diferentes crenças se distinguem pelos diferentes tipos de ação a que dão lugar. Se duas crenças não diferem quanto a esse aspecto, se aplacam a mesma dúvida, levando à mesma regra de agir, não serão diferenças miúdas na maneira de tomar delas consciência que as fará diferentes (...) (Peirce, 1984, p.56).

Sendo assim, como formam nossas crenças, para agirmos da forma que agimos?

Segundo Peirce existem métodos de fixação das Crenças, esses métodos que determinam todo nosso repertório de crenças que possuímos, sendo através dessas crenças, fazemos nossos julgamentos de percepção, quando percebemos o percepto, ou seja, o percepto é julgado em função das crenças de cada indivíduo.

Mas como são esses métodos de fixação de crenças? Segundo Peirce existem formas de fixação das crenças, entre elas: método da autoridade e tenacidade.

O que podemos observar que estes métodos nos são apresentados a todo o momento, nos munindo com crenças. Que fique claro, essas crenças podem ser verdadeiras ou falsas, já que o importante é que, estas crenças aplaquem a irritação da dúvida determinando, assim, uma forma segura de conduta. O indivíduo verificará se a crença é verdadeira ou falsa, a partir do momento que, observar os fenômenos das crenças com um olhar fenomenológico. Sendo assim sendo a crença adotada, verdadeira ou falsa não é a questão principal, mas que

A dúvida é um estado desagradável e incômodo, de que lutamos por libertar-nos e passar ao estado de crença; este é um estado de tranquilidade e satisfação que não desejamos evitar ou transformar na crença em algo diverso. Pelo contrário, apegamo-nos tenazmente não apenas a crer, mas a crê no que cremos (Peirce, 1984, p.77).

Com isso, a tendência dos produtos televisivos é fazer a manutenção das crenças, provocando um círculo vicioso, até que o indivíduo passe por uma alteridade que lhe provoque a dúvida.



Devemos analisar que raramente temos facilidade de olharmos o mundo com os olhos mentais, muito menos sem os conceitos que eles os têm. Tudo isso é devido ao que Peirce denominou de crenças. Provavelmente, pensamos da forma que pensamos muito em função de nossas crenças.

Em função disso, a ciência fenomenológica é importante para podermos inventariar os fenômenos que nos são apresentados, para evitar-se um julgamento de percepção fundamentado nas crenças, ao invés da realidade do percepto.

Entretanto, para o indivíduo produzindo os produtos telejornalísticos, que se pressupõem ser a apresentação dos fatos reais, mesmo que os fatos estejam desprovidos de uma alteridade.

Peirce irá nos dizer que

A força do hábito algumas vezes levará um homem a manter velhas crenças, após ele estar em condições de ver que elas não têm nenhuma base sólida. Mas uma reflexão sobre o estado permitirá o domínio sobre estes hábitos, e ele deve conceder à reflexão o seu peso total. Algumas vezes as pessoas se recusam a proceder assim, tendo uma idéia de que crenças são alguma coisa que elas não podem imaginar que se apoiem no nada.. CP 5.387(apud BERNARDO, 1993, p.368,369).

Evidentemente, que o indivíduo produz os produtos telejornalísticos, em relação as suas crenças. Se a televisão oferece elementos que ratifiquem as crenças dos indivíduos que as assistem, não há porque mudá-la. Como disse Peirce

o que ocorre a qualquer jovem pensador no primeiro dia em que adentra aquele modo de pensar, é perceber que há uma multidão de coisas de que ele não duvida; e não decorrerá muito tempo até que ele conclua que aquilo de que não duvida, ele não pode duvidar, até que encontre alguma razão definida para a dúvida (Peirce CP 5.498 apud Ibri, 1992, p. 103).

Observando isso, no indivíduo produzindo os produtos telejornalísticos pode-se inferir que, o percipuum é elaborado através das crenças do indivíduo. Em seguida é que, se elabora o julgamento de percepção sobre o percepto que lhe é apresentado. Pode-se dizer que ao produzir os produtos telejornalísticos, provavelmente, o indivíduo irá selecionar somente aquilo que ratifica suas crenças, a princípio.

Ou seja, ao produzir aos produtos telejornalísticos o indivíduo elabora um processo reflexivo que envolve a percepção de fenômenos que lhes são apresentados.

A máxima pragmática é uma possível explicação dessa atitude do indivíduo. Segundo Peirce

Em CP5.394, discorrendo sobre métodos de pensamento, diz ' a ação do pensamento é excitada pela incitação da dúvida e cessa com o atingir a crença; e,então, o chegar à crença é a função única do pensamento'.Isto porque como afirma em CP5.395,'há dois tipos de elementos na consciência: o imediato e o mediato', fazendo com que a ação do pensamento,conforme CP5.396,tenha por único motivo, idéia e função possível levar ao repouso do pensamento por atingir uma crença, ' e tudo que não se referir à crença não é mesmo parte do pensamento'. Em CP5.397 define crença como 'uma regra de ação que influenciará uma ação futura'.A essência da crença,diz em CP5.398, ' é a formação de um hábito',ao passo que ' a função total do pensamento é gerar hábitos para agir', conforme CP5.400,pois 'o que o hábito é depende de quando e de como nos leva a agir'.Portanto,diz em CP5.401,'nossa idéia de algo é nossa idéia a respeito de seus efeitos sensíveis'.(apud BERNARDO,p.374).



Como já vimos anteriormente, existem métodos para fixar nossas crenças, sendo a dúvida, a única forma para abalar essas crenças. Sabemos também que o método da autoridade muitas vezes se comporta de forma sutil na fixação das crenças.

Por isso que devemos nos perguntar, que premissas nos fazem pensar da forma que pensamos? Porque seguimos certos modelos de conduta? Porque praticamos ações idênticas às pessoas a nossa volta em determinadas circunstâncias?

Como já vimos, durante toda nossa vida, temos crenças nos sendo fixadas, por vários métodos de fixação.

Evidentemente, a fenomenologia sendo uma ciência que visa inventariar as características do fenômeno, ou seja, o mundo como aparência. Isto nos é muito útil para analisarmos os conteúdos, ou melhor, os perceptos que nos são apresentados, mas será que o indivíduo imerso numa sociedade pautada pelo consumismo pára para observar os fenômenos que lhe são apresentados como um estudante de fenomenologia?

Percebem que o indivíduo segue tal crença não em função de ser verdadeira ou falsa, mas nos seus efeitos práticos em aplacar a irritação da dúvida de não saber qual regra de ação ou conduta tomar. Como diz LASCH, será realmente que vivemos em uma sociedade narcisista, na qual “o problema da história não é que Narciso se apaixona por si mesmo, e sim que ele não consegue reconhecer o seu próprio reflexo, que perde qualquer idéia da diferença entre ele próprio e o seu meio circundante”(LASCH, 1986, p.169).

As tentativas de fixação das crenças determinam um momento desorientador do indivíduo, colocando o indivíduo em uma paralisia momentânea de qual conduta tomar, conseqüentemente, o indivíduo irá buscar a crença que melhor aplaque sua irritação na hora da escolha.

Voltando a questão que já colocamos, o que importa aqui não é se a crença é verdadeira ou falsa, se boa ou ruim, o que importa é se esta crença irá aplacar a irritação da dúvida e determinar uma ação de conduta. Por exemplo, mesmo todos sabendo de que a TV GLOBO manipulou o debate de Lula, mostrado pelo documentário “Muito Além do Cidadão Kane”(1993) e ratificado pelo projeto Memória Globo. Os indivíduos não deixaram de assistir ao JN(jornal Nacional). Este continua líder de audiência desde sua estréia.

Os recursos dos produtos telejornalísticos muitas vezes, nos permite fixar crenças sutilmente. É o caso da representação do real através do símbolo “ao vivo” nos telejornais, utilizado para mostrar que a TV GLOBO está mostrando a realidade com objetividade e imparcialidade sem interferir no fato.

Isto é importante, já que, segundo Peirce, o conceito de realidade não é o que a TV GLOBO nem o documentário consideram.

Em função disso, faz-se necessário definirmos o conceito de realidade e os aspectos que estão envolvidos para analisarmos os efeitos sensíveis diante de um indivíduo que toma crenças falsas como hábitos em detrimento das crenças verdadeiras (ou crença no real).

Segundo Peirce

Passa a uma definição abstrata do real, questão de máxima importância para a lógica, em CP 5.405: 'podemos definir o real como aquilo cujas características são independentes do que alguém possa pensar que seja'. CP 5.406 Entretanto, por mais que se considere satisfatória tal definição, seria grave erro supor que ela torna perfeitamente clara a idéia de realidade. A esta altura, apliquemos, pois, nossas regras. De acordo com elas, a realidade, à semelhança de qualquer outra qualidade, consiste nos efeitos sensíveis peculiares produzidos pelas coisas que partilham dela. O único efeito que as coisas reais produzem é o de dar margem à crença, pois todas as sensações que



elas estimulam brotam na consciência sob a forma de crenças. A questão neste comenos é, como a crença verdadeira (ou a crença no real) se distingue da falsa crença(ou crença na ficção).ora,como vimos no texto anterior, as idéias de verdade e de falsidade, em seu desenvolvimento pleno,pertencem exclusivamente ao método experimental de estabelecer opinião.Uma pessoa que arbitrariamente escolha as proposições que adotará só pode empregar a palavra verdade para enfatizar a expressão de sua determinação em manter-se na escolha.(apud BERNARDO,1993,p.381)

Partindo dessa definição de realidade, em relação ao indivíduo produzindo os produtos telejornalísticos, que tem por objetivo retratar, ou melhor,mostrar a realidade dos fatos,podemos analisar que, o que o indivíduo apresenta na televisão é realmente a realidade ou um simulacro da realidade? Já que foi pensado por alguém, além, de não ter a alteridade do real.

Diante disso, surge mais uma questão, será que o indivíduo percebe o que é ficção e o que é real,segundo a definição de Peirce. De certa forma

Certamente é importante saber como tornar claras nossas idéias, mas elas podem mesmo ser tão claras sem serem verdade. [...]Como dar nascimento a essas idéias vitais e férteis que se multiplica em milhares de formas e se difundem por toda parte, fazendo a civilização avançar e construindo a dignidade do homem, é arte ainda não reduzida a regras, mas cujo segredo a História da Ciência permite entrever. (CP 5.410 apud BERNARDO,1993,p.385).

O que podemos observar é que durante toda a vida, o indivíduo sofre a fixação de crenças, com os métodos apresentado por Peirce.

Em função dessas crenças é que o indivíduo faz seus julgamentos de percepção, quando os perceptos lhes são apresentados.

Contudo, em função das fixações de crenças, o indivíduo permanece no hábito.

Fixa-se em crenças falsas, como nos disse Peirce anteriormente, crenças na ficção.

Mas pode-se dizer que esta visão está diretamente oposta à definição abstrata que demos da realidade, tanto mais que torna as características do real dependentes do que seja, ultimamente, pensado sobre ele. Mas a resposta a isto é que, de um lado, a realidade independe, não necessariamente, do pensamento em geral, mas somente do que você, ou eu,ou um número definido de pessoas possa pensar a respeito dela; e que de outro lado, o objeto da opinião final depende do que essa opinião é ,não obstante o que esta opinião seja não dependa do que eu ou do que qualquer homem pense.(CP 5.408 apud BERNARDO,1993,p.383,384).

Diante disso, o indivíduo ao observar o percepto(fatos da realidade) faz um julgamento de percepção para que se mantenha a sua crença,seja ela crença verdadeira(crença no real) ou crença falsa(crença na ficção).

Isso nos aponta que os produtos telejornalísticos, principalmente, o documentário "Muito Além do Cidadão Kane" como julgamento de percepção do indivíduo que o produziu ,nada mas é do que a ratificação da crença que ele deseja fixar.

Ou seja, tanto quem produz, quanto quem assiste, tudo é feito em função das crenças de cada um.

Na verdade, há apenas um único estado de espírito do qual o leitor pode 'partir', a saber, o próprio estado de espírito em que o leitor realmente se encontrar no momento em que efetivamente for 'partir' - um estado no qual o



leitor se acha carregado com imensa massa de cognições já formadas, da qual não conseguiria se despir, mesmo se quisesse. E, quem sabe, se caso pudesse fazê-lo, não tornaria com isso todo o conhecimento impossível para si mesmo? [...] O leitor deve encarar aquilo de que não duvida de modo algum como sendo verdade absoluta e infalível. (apud BERNARDO, 1993, p.387,388).

Considerando que o estado que o indivíduo parte, quando decide partir é um estado carregado de cognições já formadas. Significa dizer que o indivíduo está munido de uma quantidade de crenças que fazem sentido para ele e determinam sua regra de ação e conduta.

Contudo, não é porque a TV GLOBO manipula seu telejornal, mostrando um simulacro da realidade, que o indivíduo será influenciado por isso, mesmo sendo os produtos telejornalísticos, aqueles que têm por função mostrar a realidade dos fatos.

Podemos então entender um pouco mais a importância do pragmatismo de Peirce quando ele nos afirma que

O pragmatismo consiste em esperar que o conteúdo de qualquer conceito seja sua influência concebível sobre nossa conduta. Como, então, o Passado influencia nossa conduta? A resposta é auto-evidente: quando quer que estabelecemos fazer qualquer coisa, nós 'vamos em frente', baseamos nossa conduta em fatos já conhecidos, e deles podemos apenas esboçar nossas memórias. É verdade que podemos instituir uma nova investigação para este propósito; mas sua descoberta somente começará a ser aplicável a nossa conduta após terem sido reduzidas a uma máxima memorial. Em resumo, o Passado é o almoxarifado de todo nosso conhecimento CP 5.460.

CP.5.461 Como o Futuro pode influenciar nossa conduta? A resposta é que estes fatos futuros são somente fatos que podemos, em alguma medida, controlar; e o que quer que possa haver no Futuro que não for receptivo ao controle são coisas que devemos estar aptos a inferir, ou deveríamos estar aptos a inferir sob circunstâncias favoráveis. (apud BERNARDO, 1993, p.397).

Isto tudo determina de certa forma, não é por que algumas crenças determinam nossa conduta diante do mundo, que isto é a realidade, e por conseqüência a verdade. Como nos diz Peirce

Realidade é este modo de ser pela virtude do qual a coisa real é o que é, independentemente do que qualquer mente ou qualquer coleção definida de mentes possa representá-la como sendo CP 5.565. (apud BERNARDO, 1993, p.412).

A verdade dos produtos telejornalístico é que segundo a definição de realidade apresentada acima por Peirce, ingenuamente os produtos telejornalísticos pautam-se em mostrar a realidade dos fatos. Quando na verdade, estão apenas mostrando um recorte daquilo que eles consideram que seria a realidade dos fatos, principalmente, nas transmissões ao vivo, em seus telejornais.



REFERÊNCIAS

PEIRCE, C.S. **Escritos coligidos** (coleção Os Pensadores).São Paulo:Abril,1ªed.,1974.

_____ **Semiótica e Filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1984.

_____ **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva(trad. J.Teixeira Coelho),2000.

BERNARDO, L.M.H.G.**Tradução de textos de Charles Sanders Peirce:Alguns aspectos sobre a questão da verdade**.(segunda parte) .São Paulo,1993. Dissertação(Mestrado em Comunicação e Semiótica)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (segunda parte)

IBRI, I.A. **Kósmos Noëtos: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce** - São Paulo: Perspectiva: Hólon, 1992.

LASCH, C. **O mínimo eu. Sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SANTAELLA, Lúcia. **Percepção: uma teoria semiótica**. São Paulo: Experimento: 2ªed. 1998.